

PALAVRA UNGIDA, DE PEDRO CASALDÁLIGA

Tereza Ramos de Carvalho¹

CASALDÁLIGA, Pedro. *Palavra Ungida*. Tradução Eric Nepomuceno. Cuiabá: Entrelinhas, 2022. (Título original: *Palabra Ungida*, 1955).

Pedro Casaldáliga² nasceu em 1928, de uma família de agricultores, em Balsaren na província de Barcelona, Espanha. Em 1943, ingressa na Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Congregação Claretiana) e, em 1952, foi ordenado padre. Depois de ordenado, conciliou suas atividades de homem religioso com o magistério, em um colégio claretiano. Durante sua vida, além de muitas outras funções, exerceu duplo magistério: de religioso e de poeta. Em 1955, aos 27 anos de idade publica seu primeiro livro de poesia *Palabra Ungida*, obra composta com 30 (trinta) poemas, os quais versam sobre o Amor a Deus, sobre a Vida e sobre a Morte. Nas palavras de José García Nieto: “[...] como o duplo magistério homem-religioso e homem-poeta maneja a palavra na oração. A oração e a gramática, a oração e a retórica, serviam sem declinações à maior graça de Deus [...]”

A primeira edição da obra foi publicada em 1955, com o título original *Palabra Ungida*, pelo *Teólogo Claretiano*, ilustrado por Cerezo Barredo, presbítero católico claretiano e artista plástico espanhol e prefaciado pelo poeta José Garcia Nieto, uma das figuras destaques da corrente neoclássica do pós-guerra.

Em *Palavra Ungida*, o poeta parece se mesclar ao eu-lírico ao apresentar reflexões religiosas num entrelaçamento entre o sagrado e o profano. Isso leva o leitor a crer que o poeta é um homem investido de poder religioso. Etimologicamente, o termo “ungido” deriva de ungir, que deriva de unção, que vem do Latim *unctio*, ato de untar com óleo sagrado. Portanto, o unguido é aquele investido de poder pela Igreja e está sob

¹Professora do Curso de Letras, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus do Araguaia – Barra do Garças. E-mail: tereza.carvalho@ufmt.br
<https://orcid.org/0000-0002-0302-1945>

² Pedro Casaldáliga chegou ao Brasil em 1968 e, em 1971 tornou-se bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia-MT, onde permaneceu até sua morte, ocorrida em 08 de agosto de 2020. Como bispo da região, e envolvido com as causas sociais, suas ações são marcadas por muitas lutas para tentar mudar a situação de opressão e exploração a que via submetido seu povo e, como religioso também se dedicou à escrita da poesia. Sua obra é permeada por temas que referenciam tanto o divino, quanto a natureza e a justiça social.

a proteção divina. De acordo com as Escrituras Sagradas, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, quando uma pessoa era ungida, recebia autoridade, e/ou era escolhida por Deus³.

Sessenta e seis anos após sua publicação original, em 2022, *Palavra Ungida* foi traduzida por Eric Nepomuceno para a língua portuguesa e editado pela Entrelinhas Editora, de Cuiabá – MT, no formato bilíngue (Espanhol e Português, com 168 páginas). Essa edição faz parte do projeto de publicação da coletânea “Pedro Casaldáliga, *in memoriam*”, cujo objetivo é publicar e divulgar, em formato bilíngue, cinco obras de Pedro Casaldáliga ainda inéditas em língua portuguesa. O projeto foi contemplado com os recursos do Edital de Seleção Pública, em 04/2020/CECEL/MT – Conexão Mestres da Cultura.

Palavra Ungida (2022), na versão bilíngue, apresenta os mesmos poemas da versão original (espanhol) com suas traduções. A coordenação do projeto optou por conservar as ilustrações de Cerezo Barredo e o prefácio de Garcia Nieto. Na leitura dos poemas, pode-se perceber que, neles, o poeta dialoga com Deus, consigo mesmo, com a natureza, com fatos históricos, com personagens de narrativas literárias e com as Sagradas Escrituras.

Esta resenha está organizada em blocos temáticos, assim como é a organização do livro. No primeiro bloco, o poema de abertura “A Romã aberta” (p. 82), é uma analogia à “Parábola do sementeiro”, do livro de Mateus (13; 1 a 17). Nele, o eu-poético do homem-religioso apresenta seu coração a Deus como uma romã que, madura, abre-se e espalha suas sementes por vários lugares, como rubras “margaridas”. Como um sementeiro, o eu-poético espera que sua palavra, investida de poder divino, portanto, ungida, atinja os homens e os pássaros e que não caia em terra inútil. “[...] /Cuide-me, Senhor que esteja maduro:/ que não caia na terra, / inútil, nenhuma só/ das suas talhadas margaridas vermelhas...[...].” Na sequência, o poeta-pastor apresenta “Trovas” (p. 84), um poema sobre a efemeridade da vida que corre como um rio e acaba sempre no mar. Ciente da alegria e da dor humana, o eu lírico tem consciência da finitude da vida na terra. E evidencia essa consciência em “Sobrevivência” (p. 84), quando afirma que, embora o mar encerre a vida, as estrelas continuam, outras vidas continuam, sempre há esperança.

³ Encontramos informações sobre “unção/ungido” nos livros de Êxodo 29; 30;31;40 e João 12.

Pode-se perceber ainda, o franciscanismo do escritor, ao apontar no poema, “A morte” (p. 86), a irmã inevitável em algum cruzamento da vida, mas ele quer estar preparado para recebê-la. Lembra o poema de Manoel Bandeira (s.d, p. 96) “Consoada”:
“Quando a Indesejada das gentes chegar/ (Não sei se dura ou caroável),/Talvez eu tenha medo./Talvez sorria, ou diga:/- Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer.” Ou seja, o eu-poemático espera a morte “como se já tivesse entrado na vida. [...]”

Já em “Canto de missa missioneiro” (p. 88), parece que o eu-poético ainda jovem, se considera vitorioso da misericórdia divina e como um cantante repete os versos: “[...] Eu não sou mais que um álamo claro sobre as águas do Desejo [...]”. Já o poema “O campo de Deus” (p. 90) é dedicado a Lorenzo Gomis⁴, jornalista e fundador da emblemática revista *El Ciervo*, em 1951, e Catedrático Emérito de jornalismo na Universidade Autônoma de Barcelona. O poema é composto por três dísticos e uma oitava – nele, sua alma é atravessada pela água, pelas nuvens e pela nostalgia e sugere a liberdade de remar, pois, mesmo com as luzes apagadas, Deus velará por esse menino. Na sequência, o poeta se apresenta como um servo do Senhor para iniciar sua caminhada com Deus e com os homens, ou fora de si, numa entrega total, no poema “Propósito” (p.92). O eu que fala em “Oração da Impaciência” (p.94), espera a palavra de Deus com a impaciência do rio que nunca para.

Em síntese, o primeiro bloco de poemas resume-se em dois pontos importantes: a consagração da palavra ungida pela graça de Deus e a perspectiva da missão religiosa do poeta.

No segundo bloco, três poemas têm como tema central a Virgem Maria que, muito jovem, recebe o espírito de Deus: “Para a Virgem de Natal” (p. 96), “A virgem da Epifania” (p.98) e “Cançãozinha da fuga para o Egito” (p. 100). À “Virgem de Natal” o Anjo anuncia que ela será o “casulo” que abrigará o pequeno menino, “nosso irmão maior”. Em “A virgem da Epifania”, Maria compreende a manifestação súbita de Deus, e o “verbo consagrado” passa a habitar seu seio. Após seu nascimento, são obrigados a fugirem da perseguição de Herodes, “na presença perseguida de Deus”. O menino Jesus, sem saber que é perseguido, dorme nos braços da jovem mãe. Esses três poemas

⁴ Disponível em <http://sbpjour.org.br/sbpjour/2006/01/30/campo-do-jornalismo-perde-lorenzo-gomis/>
Acesso em 10 de abril de 2022.

apresentam figuradamente a história da anunciação com a aparição do Anjo à Maria, o nascimento e a perseguição de Jesus.

Outras revelações encontram-se no último poema “Epifania” (p. 162). Nele, o eu-poético observa o descaso de alguns e o desconhecimento de muitos sobre a estrela de Belém que indicava o nascimento de Jesus, a perseguição de Herodes e insinua que a preocupação terrena e material habita entre todos e, por isso, impede-nos de ver Deus. Já os versos finais do poema, apontam para a revelação de que “[...] começamos a ver, como meninos, as estrelas, a rua e o teu rosto/ e o passarinho estranho que nasceu/ no ninho cálido do teu peito.” O mesmo sentido encontramos nos poemas “Natal” (p. 120) e “Epifania” (p. 122), neles pode-se estabelecer o diálogo com as Sagradas Escrituras, no o livro de Mateus (2, 1- 23), que narra o nascimento de Jesus, a ameaça de Herodes, a desobediência dos reis magos quanto à notificação de seu nascimento, a revelação de que o menino era o Messias e os presentes dos magos, que refletem não só a identidade de Jesus, mas o reconhecem como rei: Ouro, Incenso e Mirra que significam, respectivamente, a realeza, a divindade e os aspectos humanos de Jesus.

As Antífonas⁵ são canções sobre um texto litúrgico, podem ser versículos cantados antes da leitura de um Salmo ou antes da leitura de um cântico religioso, muitas vezes são executadas em canto gregoriano. O poeta apresenta, nesta obra, duas antífonas: “Antífonas da Candelária” (p. 104), dedicada à Nossa Senhora da Candelária, uma das designações atribuídas à Virgem Maria, nesse caso, que é a padroeira das Ilhas Canárias, um arquipélago Espanhol⁶. Nessa antífona, o eu poético e religioso saúda o Pai que deu seu filho para ser imolado pelo homem. Esse sacrifício se resume na perseguição, prisão, morte e ressurreição de Jesus.

No bloco de pequenas “Antífonas da Quinta-feira Santa” (p.110), as cenas da traição, da humilhação e da compaixão podem ser observadas em “Noite de recopilação” (p.110), na noite da traição, Jesus se permite trair com o beijo de Judas que o entrega ao sacrifício. já “Lavatório” (p.110), é uma prece voltada à entrega, ao sacrifício “Lave minha alma/[...], Segure a minha alma, Senhor/ [...]”. Cabe lembrar

⁵ Disponível em <https://arquidiocesbh.org.br/noticias/antifonas-o-que-sao/>. Acesso em 20 de abril de 2022.

⁶ A imagem da Padroeira da Candelária fica na Basílica e Real Santuário Mariano de Nossa Senhora da cidade de Candelária e é venerada na Igreja Católica.

Disponível em <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-candelaria/452/102/>- Acesso em 10 de abril de 2022.

aqui que a Quinta-feira Santa marca a instituição de Jesus na Última Ceia da Eucaristia, ao lavar os pés de seus discípulos. Na sequência, “A virgem do Cenáculo” (p.110) lembra a cena da mãe a observar seu filho ser sacrificado na Cruz.

Uma leitura atenta pode levar o leitor a visualizar as etapas do sacrifício de Jesus, que são rememorados pela Igreja católica, por meio da Via-Sacra, realizada ao longo da Quaresma. Muitos fiéis a realizam como uma forma de meditar o caminho doloroso que Jesus percorreu até a crucificação e morte na cruz. Em “Antífona do Sábado Santo” (p.114), a grande lição sobre o Sábado Santo é que Cristo está no sepulcro, desceu à mansão dos mortos, ao mais profundo que uma pessoa pode ir. O próprio Jesus está calado. Ele, que é Verbo, a Palavra, está calado. Depois de seu último grito na cruz - “Por que me abandonaste?”, Ele se cala no sepulcro porque “tudo está consumado!” Os versos, “[...]Teu corpo é primavera/Todas as rosas se resumem/nas tuas cinco rosas novas [...]”, são uma clara referência às chagas de Cristo durante a crucifixão.

No livro do livro de João (20; 19-21), Jesus ressuscitado aparece aos apóstolos e mostra suas chagas que, para eles, significa a esperança de paz. Outra referência encontra-se também em João, (20; 27), quando Tomé toca nas feridas das mãos de Cristo. A grande lição é que Sábado Santo não é um dia vazio, e sim um dia de vigília e meditação sobre a paixão e morte, a descida de Jesus à “mansão dos mortos” e a espera da ressurreição.

O conteúdo fundamental da vigília é a Páscoa do Senhor, a passagem da morte para a vida. A celebração acontece no sábado à noite. É uma vigília em honra ao Senhor, de maneira que os fiéis, seguindo a exortação do Evangelho de Lucas (12,35-36), tenham acesas as lâmpadas, como os que aguardam seu Senhor chegar para que os encontre em vigília e os convide a sentarem-se à mesa. E o eu lírico aqui, posiciona-se como um diácono “testemunha” desse evento. Assim, pode-se afirmar que as antífonas podem ser comparadas ao missal⁷, realizado pela Igreja católica durante a Quaresma.

As cenas de acontecimentos referentes à Via-Sacra são apresentadas em “Retábulo Veemente” (p. 118). O retábulo, numa explicação simples, é o fracionamento

⁷Livro que contém as orientações para celebrações da missa. Missal Romano restaurado por decreto do concílio Ecumênico vaticano II, promulgado pela autoridade de Paulo VI e revisto por mandado do papa João Paulo II.

Disponível em <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/01MISSALROMANO.html>

de uma narrativa em que cada cena é apresentada até compor a história completa. Um exemplo simples são os quadros que compõem o sacrifício de Jesus Cristo ao ser preso, coroado de espinhos, obrigado a carregar a própria cruz e sua crucificação. A essas cenas, a Igreja Católica nomeia de Via-Sacra. Para o doutor em belas artes Ilídio Salteiro⁸(2005, p. 38), “os retábulos, fixos ou móveis, [...] são sempre organismos que se desdobram em imagens explicadas ou reconhecidas por todos por meio da narração visual de textos sagrados”.

No Brasil, o retábulo mais conhecido na literatura é o “Retábulo de Santa Joana Carolina”, narrativa que integra a obra *Nove Novena* (1966), de Osman Lins. Casaldáliga compõe o “Retábulo Veemente” a partir do poema “Advento”, que significa o que está por vir. O tempo do advento é, para a Igreja Católica, viver o mistério de espera e preparação da vinda de Cristo. O advento para o eu-lírico não é diferente: “o anjo da espera/está desperto. /e sua luz evangeliza/a moradia do advento. / Todas as coisas em vigília... esperam/ [...] / e até mesmo os que não te esperam/ estão te chamando em teu desassossego.”

A dimensão histórica do advento é a salvação que evidencia a dimensão escatológica do mistério cristão e nos insere no caráter missionário da vinda de Cristo. A teologia da escatologia se refere à doutrina sobre o fim do mundo, o estudo do destino último do homem, tal como é revelado na Bíblia, fonte primária de todos os estudos sobre a escatologia cristã mais evidente no livro do Apocalipse de São João (20, 6 -15).

Os poemas seguintes “Paixão” (p. 124) “Sequência de Páscoa” (p. 126) e “Pentecostes” (p. 128) referem-se aos eventos bíblicos relacionados à paixão, ao sofrimento, à morte, à ressurreição e à aparição de Jesus, que representam, para a Igreja Católica, aspectos centrais da teologia cristã. Nesses poemas, pode-se observar que o religioso tem consciência do seu poder de interpretação das narrativas das Sagradas Escrituras.

Em “Brinde do Estádio” (p. 132), na epígrafe: *A todos que receberam comigo o sacerdócio, no Estádio de Montjuïc no Congresso Eucarístico Internacional de Barcelona - 1952*, o poeta saúda com certo heroísmo a todos os que participaram com ele dos momentos de sua consagração sacerdotal “pela saúde do mundo”. Apresenta,

⁸ Disponível em: <<http://goo.gl/hEX8Kf>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

ainda, uma exortação a todos que participaram desse momento de consagração a serem fieis à missão para a qual foram escolhidos. O poema é dividido em quatro estrofes e cada uma pontua uma celebração: um brinde ao vinho “levantemos o vinho do Senhor, pela saúde do mundo! Celebra a todos que receberam a consagração os “chamados pelo teu Amor, entre todos os homens” para que continuem fiéis ao chamado e à missão e, por fim, compara-os aos Cavaleiros do *Santo Graal*, numa referência histórica a lenda do cálice sagrado utilizado por Jesus na última ceia, e usado por José de Arimateia para colher o sangue de Jesus durante a crucificação⁹. Nessa analogia intertextual, todos os padres ordenados são “atletas de Jesus, na ardente vigília de nos lançarmos ao mundo”, como os “Cavaleiros do Graal”.

Pode-se afirmar que o poeta se posiciona, nos poemas seguintes, como um jovem romeiro, apaixonado pela palavra e que, apesar dos muitos obstáculos, sonha e, nesse sonho, profetiza que Deus nascerá outra vez para o mundo. A parte do livro “Paisagem” (p. 144) é formada por três poemas que nos remetem a uma composição visual da natureza em situações e espaços diferentes: em “Sentinelas de inverno” (p. 144), o rio, que é fonte de vida, está sem água, morto e, as árvores que embora estejam secas, são guardiãs das fontes e esperam o inverno. Em “Água ideal” (p. 146), o poeta nomeia outras fontes além do rio: a água redonda/parada do poço, a água corrente do rio que é levado para o mar que está muito longe para saciar a sede da terra. No entanto, “Marinas” (p. 150) apresenta imagens mais esperançosas: o mar do sol de abril que “mesmo sem rosas, dança no céu”. E, nesse mar, outros elementos compõem a cena: o mar aberto que leva as barcas com pescadores; o mar, como um cão, lambe os pescadores e a eles entrega suas espadas/peixes e o menino dourado de sol que brinca como um pirata. Essas imagens conduzem-nos a uma visualização imagética de calma e esperança.

Já o poema “Salmo na Galícia” (p. 154) nos remete aos eventos e personagens históricos da Espanha. A Galícia¹⁰ é uma comunidade da Espanha cuja capital política é Santiago de Compostela, na província da Corunha. E Gonzalo Ruiz de Toledo, o Conde de Orgaz, nasceu em Toledo em meados do século XIII e morreu em Toledo em 1323. Foi o IV senhor da vila de Orgaz. O Senhor de Orgaz desfrutou a fama de bom cristão

⁹Encontramos essa Narrativa na literatura fantástica, *Lendas do Rei Artur*.

¹⁰Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Galiza>. Acesso em 20 de abril de 2022.

ao reedificar igrejas em Toledo como São Justo Pastor, São Bartolomeu e São Tomé onde, por expressa vontade, foi enterrado. A representação do seu enterro ficou plasmada no quadro “O Enterro do Conde de Orgaz”, de autoria de El Greco, em 1586¹¹. A Galícia, talvez pela tradição religiosa, inspira o jovem pastor à composição desse Salmo, por meio do qual, dialoga diretamente com o Senhor, em oração, nas proposições que se impõe.

O poema “Ninguém me chama de você” (p. 158) é dedicado ao poeta José García Nieto, seu primeiro prefaciador. Nesse poema, o poeta se sente acolhido no mundo, o jovem de 26 anos que é reconhecido por todos “[...]/ de todos que sabem que sou homem,/ nenhum me chama de você[.]Vinte e seis primaveras, e nada mais/ e já sou um ancião venerável/ um homem de conselhos/ que há de ouvir e calar”. Ele se reconhece como o ungido, instituído de autoridade, pela Igreja, para realizar suas ações como pastor.

Enfim, a leitura atenta de *Palavra Ungida* leva-nos à percepção de que o poeta-pastor (Casaldáliga) é consciente de sua missão, do poder da palavra e estabelece interlocuções com Deus, com a natureza, com os eventos históricos e os sagrados. Nas palavras de García Nieto, “[...], ele é um a mais dos duplamente eleitos. O brilho das passagens bíblicas tópicas, as santas efemérides, os passos humanos na terra sob o olhar divino e vigilante, assumem, neste poeta, personalidade autêntica, fresca e graça, força e emoção, em suma, chama unificada e inextinguível da verdadeira Poesia.”

Referências

BANDEIRA, Manoel. *Meus poemas preferidos*. São Paulo, Ediouro, s/d. p. 96.

BÍBLIA SAGRADA. *Vigilância e responsabilidade*. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas. São Paulo, Brasil, 1990.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Palavra ungida*. Zafra, Espanha: Teologado Clarentiano, 1955.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Palavra ungida*. Trad. Eric Nepomuceno, Cuiabá: Entrelinhas Editora, 2022.

¹¹ Disponível em <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-enterro-do-conde-de-orgaz-el-greco/>. Acesso em 20 de abril de 2022.

MARTINS, Edilson. *Nós do Araguaia: D. Pedro Casaldáliga, bispo da teimosia e da liberdade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

RIORDAN, James. *Lendas do Rei Artur*. Trad. Patrícia Cenacchi. Círculo do Livro. São Paulo, 1982.

SALTEIRO, Ilídio Óscar Pereira de Sousa. *Do retábulo, ainda: aos novos modos de o fazer e pensar*. 2005. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005. Disponível em: <http://goo.gl/hEX8Kf>. Acesso em 20 de abril de 2022.

Recebido em 10/07/2022

Aprovado em 05/11/2022